

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

JORGE AMADO E A RECEPÇÃO CRÍTICA DOS PASTORES DA NOITE

Wellington Gomes de Jesus^[1]; Antônio Gabriel Evangelista de Souza^[2]

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Licenciatura em Letras com Língua Espanhola, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: llewgomez@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: agesouza@ig.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Jorge Amado, Recepção Crítica, Literatura Brasileira

INTRODUÇÃO

A década de 1960 foi palco de inúmeros câmbios políticos, econômicos e, conseqüentemente, sociais porque passou o Estado brasileiro. A saída dos anos 50, do comentado governo populista de Juscelino Kubitschek, esteve carregado de expectativas pela ascensão econômica do país e a possibilidade de ingresso junto às hegemônicas economias da época, atrelado ao investimento de capital estrangeiro e a proliferação de multinacionais em países de terceiro mundo.

Entretanto, a transição entre aquelas décadas não logrou o êxito esperado, haja vista o endividamento do país com o exterior e conseqüente falta de recursos para comprar, vender e manter o processo esperado de crescimento. A partir daí, a política se tornou cada vez mais burguesa e burocrata, que mais tarde instauraria um regime de sanções limitadoras e coercivas contra atitudes subversivas às ordens estabelecidas pelo então governo militarista.

O escritor Jorge Amado estava inserido naquele contexto, como outros que tiveram seus direitos cassados e/ou censurados, onde mesmo depois de se desvincular claramente das funções que exercia no Partido Comunista do Brasil, teve mais uma vez seus livros tomados pela polícia. Amado sempre gozou de forte influência tanto no cenário político quanto literário, todavia, mais naquele que nesse. Foi fora do país que o escritor fundou sua popularidade, numa estranha transição que podemos inferir ter sido de fora para dentro. Amado tornara-se conhecido pela novelística de escritura coloquial, repleta de aforismos e sensualidade; pelo enaltecimento dos costumes, do sincretismo, da pluralidade e cordialidade do povo baiano.

Em verdade, o romancista monta um estado do que é “ser baiano” ao que atribuiu valor, enriqueceu símbolos, criou códigos e sustentou os fatos que “viu” através da arte e do discurso ficcional os costume e hábitos do povo baiano, especialmente, o da capital. Logo, a preferência clara em eleger o povo das classes baixas, os pobres, vagabundos, transeuntes, prostitutas e bêbados, para apresentar e representar por muitas vezes o povo da Bahia é que se levanta a hipótese de que o escritor pudesse traçar o comportamento e apresentar o estado social da população menos favorecida no período militarista da década de 60. Na mão do contexto histórico-literário, a década de 60 ainda contou com uma série de câmbios também no modo de ver, pensar e analisar a literatura, pelo viés da teoria literária e da história da literatura o aparecimento da Estética da Recepção. O movimento, sustentado pelo crítico Hans Robert Jauss, versava acerca da possibilidade de entender a literatura e sua metodologia por uma ótica menos clássica, advinda do idealismo e do positivismo do século XIX, segundo Jauss, metodologias fossilizantes da história da literatura. A inquietação de crítico, colocando a movimento no painel político e intelectual da década de 60, advogou a favor de uma peça importante até pouco vista marginalmente, mas colocada em voga pelos estudos da estética da recepção, o leitor. A teoria comenta que sem leitor não há sentido para o texto, pois é esse que o dota de sentido, quem o

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

qualifica e o valida, ou seja, um caminho fecundo para compreendermos como o leitor recebe uma obra literária em dada época, em nosso caso, que recepção teve o romance *Os Pastores da Noite* no ano de sua publicação e a *posteriori*, através do periódico baiano o Diário de Notícias.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente projeto tem suas bases fundamentadas na Pesquisa Documental e, como tal, configura-se como uma pesquisa qualitativa que teve como norteador os instrumentos da recepção crítica, não anulando a utilização de outros métodos, como histórico, por exemplo, quando necessário.

O projeto foi desenvolvido inicialmente a partir do levantamento de textos em fontes primárias e em seguida em um estudo bibliográfico, donde se realizou por isso outro levantamento, agora, do acervo teórico e literário sobre o romancista, e segundo o Plano de Trabalho de pesquisa foram consultados todos os meios que nos auxiliassem na facilitação do trabalho a ser desenvolvido. Leu-se os romances, *Curió, o Romântico, e As Desilusões do Amor Perjuro, O Compadre de Ogum e Os Amigos do Povo*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pode-se dizer que Jorge Amado começou a demonstrar seu interesse pelo povo baiano, a gente comum do dia a dia, quando passou a fazer parte deles logo aos 14 anos de idade, quando passa a trabalhar no *Diário da Bahia* e a morar de vaga, segundo Fonseca (2001), “num casarão do pelourinho”. Tão logo, o escritor empreenderia sua carreira literária. Nesse momento conheceu os recantos da cidade do Salvador, as ladeiras, as vielas, os botecos, pessoas simples e importantes. A partir daí, o romancista pareceu fundar uma literatura particular, uma novelística, por assim dizer, documental, que teve na cidade do Salvador seu cenário incontestável. Não se pode negar que o discurso ficcional do escritor é por vezes etnocêntrico não só por enxergar a cultura da Bahia (Salvador) como a extensão de todas as cidades do estado, mas por fazer acreditar que a cultura dali era a cultura de todo um país, como diz Andrade (1999) de uma “(...) cultura baiana, que influencia toda cultura brasileira, da qual é célula-mater”, mas não no sentido a dar razão à Jorge Amado e sim tornar a sua novelística tão ficcional quanto a ficção.

Assim visto Amado afirma ser a Bahia influenciadora de toda cultura brasileira, o que se analisarmos, estar o escritor agindo para reconstrução de uma identidade perdida seja por quais forem os fatores, a linha da busca do retorno à originalidade, Bernd (1992) o ampara quando diz sobre a questão da identidade que se “origina da consciência de sua perda e se desenvolve na busca de sua construção”, processo cujo escritor baiano seguiu fielmente.

Aí podem residir os motivos porque Jorge resolveu trazer para os seus romances a cultura da miscigenação, por vezes negra, por vezes branca, religiosa ou incrédula, mas quase sempre verossímil. Característica que podemos julgar, também, um dos fatores da aceitação de sua obra tanto dentro como fora do país, sendo essa mais expressiva que aquela. Mesmo generalizador, quando coloca a cidade da Bahia como representativa de todas as cidades do Estado, o escritor deixa lacunas em suas palavras para que o leitor interaja com o contexto da obra. Ainda que seja uma história inventada como diz Eric Hobsbawn (apud Andrade, 1999) onde o escritor monta “um conjunto de práticas de (...) natureza ritual ou simbólica, [visando] inculcar valores e normas de comportamento através da repetição”, não tira o mérito do escritor baiano, nem tampouco seu

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

cargo de mediador cultural, pois, como se disse, é o leitor o responsável pela validação de um discurso, feito pela interação texto-leitor, pelos vazios que há no texto a ser completado por ele.

Esse espaço criado pelo escritor em sua novelística, e não só pelo escritor, Jorge Amado, possibilita a relação direta e a interação do leitor com o contexto da obra, podendo, o leitor, resgatá-lo através dos símbolos e códigos deixados pelo escritor, sem os quais nem escritor nem leitor teriam êxito na empreita da leitura. Todavia, no âmbito da teoria da literatura, a década de 1960, fundou um novo quadro no modo de conceber a estética literária, abrindo segundo Regina Zilberman (1989) “um leque de sugestões, sobretudo à história da literatura”, o que se tratou do movimento chamado a *Estética da Recepção*. O movimento lançado por Hans Robert Jauss ensejou denunciar o primitivismo da história literária que se utilizava dos modelos advindos ainda do idealismo e positivismo do século XIX, em detrimento de um novo modelo estético, o qual deixa em voga mais uma vez uma peça fundamental até então marginalizada, o leitor, responsável pela “condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social”.

Os estudos da *Estética da Recepção* permitiram análise fecundas da recepção de alguns romances de Jorge Amado por meio de fontes primárias em periódicos de época, cuja recepção crítica dos articulistas situando a obra do escritor no momento histórico-literário permitiram o retorno à história e o enlace dessa com a contemporaneidade, dando ao texto novos significados. Nesse sentido utilizou-se os recursos sugeridos pela *Estética da Recepção* por via das fontes primárias para responder ao nosso problema, por exemplo, que visa encontrar o lugar das classes baixas, ou seja, menos favorecidas no período da ditadura militar dos anos 1960.

Jorge Amado, contudo, esboça um romance, cujas personagens estão envoltas na mesma trama da identidade da Bahia desenvolvida pelo autor, como figuras imutáveis, inertes ao tempo e aos câmbios inerente aos conflitos causados pelo homem, pela vida em comunidade. Como se a Bahia estive protegida por um campo de força impedindo que as transformações ocorram naquele espaço sagrado, sendo sustentado ainda por inúmeros críticos da época em seus textos jornalísticos, a exemplo de Rolmes Barbosa no *O Estado de São Paulo*, Maluh Ouro Preto e Wilson Lins no *Diário de Notícias*.

Contudo não podemos ter a mesma experiência de Amado ou comprovar a experiência que ele tinha da Bahia, mas podemos interpretar essa experiência, ou seja, desmentir as figuras concretizadas pela interação, com que nos habituamos para outras experiências. Assim, os estudos da recepção crítica tornam-se uma via ditosa para trazer a novelística do escritor baiano para o nosso tempo ou interagir com o seu contexto social, político e literário no instante de sua publicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da receptividade crítica da obra do escritor Jorge Amado é um universo temático vasto e bastante estudado. Isso se deve a relevância que possui para os pesquisadores que se debruçam sobre a sua novelística, e que em algum momento da história, ou do caminho da crítica, acaba-se confundindo com a própria história pessoal do escritor. É notória a fortuna crítica atribuída ao romancista, assim como os estudos feitos acerca da recepção de suas obras, a importância dessas para o contexto político-social e literário do país, cuja estrutura estética de seus textos ficcionais serviu para expandir a cultura, os costumes e a simpatia da gente brasileira mundo a fora.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Reconheceu-se a grandiosidade histórico-literária das obras analisadas, em que estudando as novelas do escritor d' *Os Pastores da Noite*, foi possível enxergar, também, a possibilidade de resgatar o contexto literário da obra por via do instrumental da recepção crítica, compreendendo a razão da crítica em situar o trabalho do autor no momento histórico, revestindo-a de importância ao cenário das letras de sua época. Jorge Amado positivou a imagem da Bahia e a reconstruiu, atribuindo-lha de símbolos originais, valorando sua pluralidade e costumes, claramente, por via da ficção, emprestando sua palavra às personagens que desfilavam o discurso de seu criador por entre a arquitetura da ficção. Contudo, foi o leitor quem legitimou a Bahia 'inventada' pelo romancista, os valores criados por ele, o comportamento levado pelas personagens e a dinâmica social e política vivida por aqueles. O fato de o romancista ter sido um dos escritores mais lidos dentro e fora do país ao mesmo tempo em que era criticado por suas posições políticas, torna legítima sua novelística, a certeza da recepção e relevância de seu trabalho, cuja recepção crítica possibilita revisitar a obra sempre como um leitor novo, porque se renova cotidianamente.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. 1998. *Os Pastores da noite*. 45. ed. Rio de Janeiro, Record.
- ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. 1999. *Bahia, cidade síntese da nação brasileira: Uma leitura em Jorge Amado*. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BARBOSA, Rolmes. 1964. Os Pastores da Noite. *O Estado de São Paulo*. Coluna: A Semana e os Livros. 18 jul. Suplemento Literário, p. 4.
- BERND, Zilá. 1992. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: EDUFRGS. (Série Universitária, 36).
- FONSECA, Aleilton. 2001. Jorge Amado, a letra e o testemunho: um clássico do século XX. *Iararana*, ano 3, n. 6, p. 15-18, jul./out.
- LINS, Wilson. 1964. O compadre de Ogum e seus iguais. *Diário de Notícias*, Salvador, 9 ago. Suplemento, p. 1.
- OURO PRETO, Maluh de. 1964. Os pastores de Jorge Amado. *Diário de Notícias*, Salvador, 27 dez. Suplemento, p. 1.
- PAES, Maria Helena Simões. 1993. *A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política*. 2. ed. Rio de Janeiro, Ática.
- VEIGA, Benedito José de Araújo. 2003. Gabriela, cravo e canela: a recepção crítica. VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. *Cadernos do CNLF*, Série VII, n. 9. UERJ.
- ZILBERMAN, Regina. 1989. *A estética da recepção e a história da literatura*. São Paulo, Ática.